

PRÁTICA DE ENSINO EM LABORATÓRIO: O Olhar Discente sobre o Curso de Biblioteconomia da UFPB

Ediane Toscano Galdino Carvalho

Mestra em Ciência da Informação
Professora do Departamento de Ciência da Informação
Universidade Federal da Paraíba
edianetgo@gmail.com

André Domingos da Silva

Especialista em Planejamento e Gestão Estratégica
Bibliotecário-Documentalista
Universidade Federal de Campina Grande
ads_jpa@hotmail.com

Relato de Pesquisa

Resumo

Analisa o olhar dos discentes com relação ao ensino-aprendizagem das disciplinas técnicas do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), focando a infraestrutura para as atividades práticas. A pesquisa é de caráter exploratório com abordagem quantitativa e qualitativa. Foram pesquisados alunos matriculados no terceiro período no semestre letivo de 2012.2, quinto período nos semestres letivos de 2012.2 e 2013.1, e nono período no semestre letivo de 2012.2, totalizando um universo de 125 respondentes. No que concerne aos resultados, a análise identificou que os alunos pesquisados apresentaram uma desmotivação perante as disciplinas técnicas e tem como principal causa a falta de um Laboratório específico para o curso, onde deveriam existir as tabelas de classificação (CDD, CDU), códigos (AACR2), computadores equipados e suficientes, como também documentos impressos (livros e revistas) e materiais especiais (multimeios) para o desenvolvimento das atividades didáticas e pedagógicas, permitindo eficiência e eficácia no processo de ensino-aprendizagem e comungando a teoria e a prática.

Palavras-chave

Curso de Biblioteconomia-UFPB. Prática no ensino-aprendizagem. Motivação.

1 INTRODUÇÃO

Marcado pela dedicação na organização de acervos, o bibliotecário, que tem em suas balizes um conjunto de técnicas e procedimentos que o identifica como profissional específico destinado não só a organizar, mas também gerenciar, preservar, conservar e disseminar o conteúdo informacional de acervos, sejam estes públicos ou privados. Para tanto, é essencial que em sua formação estejam presentes elementos que singularizem a profissão. Assim, se evidenciou o bibliotecário. Um profissional dotado de técnicas que organizam, classificam, catalogam, preservam, disseminam e gerenciam o co-

nhecimento ao longo dos tempos.

A formação deste profissional ganhou destaque no Brasil pelo intento inicial de formar profissionais que fossem úteis aos serviços desenvolvidos pela Biblioteca Nacional a uma das profissões em ascensão desde finais do século XX até a contemporaneidade. Foi neste espaço onde se realizou o primeiro curso de formação para bibliotecários no país.

Segundo Oliveira (1983), com a homologação do currículo mínimo obrigatório no ano de 1962, pelo Conselho Federal de Educação não livrou a Biblioteconomia de uma estrutura essencialmente técnica, operacional e mecanicista. De acordo com Lemos

(1973, *apud* OLIVEIRA, 1983, p. 06), “o ensino da Biblioteconomia ainda continuou sendo predominantemente prático, dogmático, descoordenado e acrítico.”. Eram profissionais que não apresentavam criatividade nem iniciativas para o desenvolvimento de suas atividades.

O curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) foi criado em 1969, pouco tempo depois de ocorrida a federalização da referida universidade, fato este ocorrido em dezembro de 1960.

Neste período inicial, suas disciplinas eram voltadas para a formação técnica, concentrando as atribuições do bibliotecário em planejamento, organização, tratamento direção e execução dos serviços de bibliotecas, e centros de documentação e informação. Logo, sua seara situava-se em serviços em documentação, arquivos e bibliotecas.

As disciplinas que abrangiam o curso eram, em sua maioria, direcionadas à técnica da formação profissional em Biblioteconomia, com carga horária expressiva em catalogação, classificação, bibliografia, referência e documentação. Isso ratifica o quanto o profissional formado pelo curso de Biblioteconomia da UFPB tinha sua base curricular essencialmente técnica, o que causou uma movimentação pela constatação de que o corpo discente não tinha uma formação que atendesse à necessidade do elemento primordial no uso da informação, o usuário. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2007).

O currículo passou por uma reforma estabelecida em nível nacional no ano de 1982 a qual foi implantada no referido curso em 1984, dando um caráter mais social à graduação, de não preocupar-se apenas com o tratamento da técnica, mas de subsidiar o acesso de forma mais clara e evidente para o usuário.

Posteriormente, sob a influência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.494/96, o currículo passou por novas transformações. Foi quando, em 2007, o curso de Biblioteconomia da UFPB passou por mais uma mudança em seu plano curricular, trazendo à baila disciplinas que contri-

buissem para a formação de um bibliotecário mais desenvolvido, articulador da mediação entre informação e usuário, atuando não só como técnico do tratamento de recuperação e organização, mas também essencialmente como gestor da informação, redesenhando toda grade de disciplinas de formação do bibliotecário, sobretudo as de cunho técnico.

Com a nova formatação, a base curricular do curso de Biblioteconomia da UFPB passou a elencar seis áreas, a saber: a) Fundamentos Teóricos da Ciência da Informação; b) Organização e Tratamento da Informação; c) Recursos e Serviços de Informação; d) Gestão de Unidades de Informação; e) Tecnologia da Informação; e f) Pesquisa.

A segunda área, Organização e Tratamento da Informação, é constituída por disciplinas de cunho técnico, a qual está dividida em cinco destas, que são: a) Representação e Análise da Informação; b) Representação Descritiva da Informação I; c) Representação Descritiva da Informação II; d) Representação Temática da Informação I; e e) Representação Temática da Informação II.

Fazendo uma relação destas disciplinas com as disciplinas técnicas do Currículo mínimo de 1984, elas se apresentam da seguinte forma: representação descritiva (catalogação, multimeios), representação temática (classificação/indexação pré-coordenada e pós-coordenada), e representação e análise da informação (indexação e resumo).

O uso das tecnologias, presente nesse ínterim e oriundo das inovações do novo currículo veio a somar, dando agilidade aos processos técnicos, porém, estas não substituem a técnica num todo, sendo primordial que o aluno saiba a essência de sua área, o saber fazer de fato.

Na perspectiva do ensino-aprendizagem da organização e recuperação da informação, as disciplinas direcionam para a apreensão do manuseio das tabelas de Classificação Decimal de Dewey (CDD), Classificação Decimal Universal (CDU), Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2), Tesouros, listas de cabeçalhos de assunto e fundamentalmente computadores,

dentre outros suportes laboratoriais que integram as atividades práticas do curso.

A apreensão do conteúdo acima é essencial nas atividades rotineiras do bibliotecário e estruturante para sua profissionalização técnica, o qual deve estar bem preparado ao ingressar no mercado de trabalho, oportunizando a recuperação da informação com rapidez e o mais fiel possível. Dessa forma, torna-se de fundamental relevância que se tenha o máximo de aproveitamento no curso, necessitando que o ensino-aprendizagem esteja estruturado e organizado.

Levando em consideração a exigência de uma infraestrutura adequada para disciplinas técnicas em cursos de biblioteconomia, como tabelas, computadores com Internet e programas instalados, o curso de graduação em Biblioteconomia da UFPB, a partir do seu currículo acadêmico, tem a responsabilidade de viabilizar e garantir a qualidade do profissional. Dessa forma, esta pesquisa questiona: o curso de Graduação em Biblioteconomia da UFPB contempla laboratórios adequados para prática de ensino em disciplinas técnicas? Diante deste arcabouço introdutório, a pesquisa teve por objetivo geral verificar o olhar dos discentes quanto às disciplinas técnicas do curso de graduação em biblioteconomia da UFPB sobre a infraestrutura de laboratório existente para a prática nas atividades de sala de aula.

2 ENSINO-APRENDIZAGEM: RELAÇÃO MÚTUA ENTRE ALUNO E PROFESSOR

As práticas de ensino são elementos motrizes no desenvolvimento do aprendizado do aluno em sala de aula. Libâneo (1994) chama prática de ensino de “prática educativa”, e o autor afirma que esta é um fenômeno social, “sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades.” A ação educativa influencia os indivíduos que, ao assimilarem e reeditarem aquilo que os influenciaram, passam a ser capazes de estabelecer uma relação

ativa e transformadora com seu meio social. (LIBÂNEO, 1994, p. 17).

Para isso, é fundamental a aplicação de uma didática adequada, que atenda às necessidades de aprendizado em sala de aula, de forma satisfatória e eficiente.

Por didática, entendamos como “a ciência e a arte do ensino [...], é o estudo do processo de ensino e aprendizagem, enfatizando a relação entre professor e aluno.” (HAYDT, 1998, p. 13). Para a referida autora, a tarefa de ensinar está intimamente ligada ao ato de aprender, constituindo as faces de uma moeda. Não se pode pensar em ensino sem preocupar-se com a captação do aluno do conhecimento que está sendo transmitido.

Assim, o espaço da sala de aula tem representação fundamental nas ações motivacionais que permeiam o alunado no processo de ensino-aprendizagem. Além do esforço físico e investimento de tempo, é preciso que seja transmitido ao aluno o prazer de estar neste ambiente, de não estar presente simplesmente por ocupar-se e preocupar-se com a recompensa, a atribuição de uma nota ou algum outro tipo de pressão, mas por vontade própria, promovendo assim uma disposição contínua e duradoura.

Para Brophy (1999 *apud* ALCARÁ, 2007, p. 18) “a eficácia no desenvolvimento das atividades em sala de aula ocorrerá quando a motivação estiver num nível ótimo de intensidade.” Este estímulo não se limita tão somente ao espaço físico, às condições mínimas de conforto e adequação estrutural para a realização das atividades do processo de ensino-aprendizagem, mas também do empenho e esforço de condições estratégicas que o professor articula ao desenvolver seu trabalho de educador, de transmissor do conhecimento, como também da vontade espontânea do aluno em querer aprender.

O professor tem papel importante neste processo por nortear o discente na busca do conhecimento, recorrendo a técnicas de apoio na construção de conhecimento pelo aluno, indicando os caminhos que este deve percorrer em busca do saber, aprender e apreender.

Para Boruchovitch (2009), o professor é o próprio exemplo de motivação para o aluno. É nele que o aluno se espelha para adquirir o conhecimento e as habilidades pertinentes aos seus estudos.

À medida que o aluno vai evoluindo em sua vida estudantil, novos fatores vão contribuindo para sua motivação no âmbito escolar. Assim, determinados assuntos e abordagens por momentos tendo sido aprendidos com certa facilidade, podem posteriormente tornarem-se difíceis, e vice-versa, tendo então o professor um papel fundamental neste processo. Segundo Stipek (1998 *apud* ALCARÁ, 2007, p. 19), o surgimento de novas disciplinas, de novos conteúdos, as características de evolução do aluno e os problemas que ele trás de períodos de estudo anteriores são fatores que podem contribuir para a complexidade da motivação do discente.

No contexto do ensino-aprendizagem na universidade, esta relação entre sala de aula, professor, motivação e um ambiente propício para este processo, torna-se mais complexo, devido à necessidade premente de instrumentos técnicos como laboratórios, bibliotecas entre outros que tragam modelos da vida profissional do aluno para a sala de aula. Estes fatores contribuem para a fluência da motivação neste espaço.

Considerando que o aluno ao longo dos tempos, acumula as vivências em sala de aula, e em algumas situações não conseguem preencher as lacunas de determinadas necessidades, as dificuldades em seu processo de aprendizagem tendem a se tornar vulneráveis. A experiência acumulada do aluno faz com que sua motivação durante o ensino superior oscile, uma vez que com o passar do tempo a importância que este destina aos conteúdos vistos em sala de aula vão tomando proporções distintas, graus de importância ora menor, ora maior, de acordo com sua percepção.

Isto se tornou evidente segundo pesquisas realizadas por Jacobs e Nwestead (2000, *apud* ALCARÁ, 2007) quando disseram que a motivação dos alunos apresenta uma variação ao longo do curso, devido à

percepção da relevância de conhecimentos, habilidades e experiências que se transformam mediante as diferentes séries e disciplinas cursadas. Daí a relevância do papel do professor em sala de aula, que deve ser além de transmissor de mensagem, um articulador de disseminação efetiva do conhecimento.

Para tanto, o papel de disseminador é pautado num elemento primordial não só à sua função, mas a de toda existência humana, a comunicação. Uma vez que a principal ferramenta de comunicação do professor é a linguagem oral é preciso compreender a forma como é transmitida a mensagem ao receptor.

Estimular o aluno a ter assiduidade em sua aula é sem dúvida uma tarefa árdua para o professor, mas que, com o apoio de recursos inteligentemente aplicados, os resultados tendem a ser satisfatórios. Instigar o interesse do aluno requer técnicas, mecanismos que fortaleçam a relação respeitosa e mútua em sala de aula, viabilizando o diálogo, a permuta de informações e conhecimentos, na busca da construção de um conhecimento de forma participativa.

Daí a importância do professor estar permanentemente atento às demandas e necessidades de seus discentes, utilizando-se de outros recursos que não seja tão somente a linguagem oral, contribuindo assim para a melhor compreensão e interesse do aluno.

De acordo com Marteleto (1992 *apud* ROSA, 1999), mesmo sendo a sala de aula um espaço instituído, “é ao mesmo tempo dinâmico na sua maneira de existir.” Ainda para esta autora, mesmo que os papéis de aluno e professor tenham seus espaços demarcados, existe a possibilidade de uma dinâmica dos processos comunicacionais, no ato da constituição destes.

Essa dinamização do processo comunicacional em sala de aula possibilita a apreensão da atenção do aluno. Segundo Gil (1990, p. 60),

A atenção do aluno em boa parte depende do grau de motivação. Contudo, papel importante cabe ao professor, que deverá conhecer muito bem a estrutura interna do assunto ensinado, assim como a

melhor sequência de apresentação, a fim de organizar espacial e temporalmente os estímulos a serem apresentados.

Acrescente-se, pois, além da estrutura do assunto ministrado e a sequência de apresentação, os recursos utilizados para explanação do conteúdo, de forma a tornar a aula atrativa, interessante e proveitosa. Ou seja, é preciso condições favoráveis ao desenvolvimento do estímulo no aluno, para que de fato este obtenha proveito em sala de aula.

Além de despertar, o professor também tem o difícil papel de manter o aluno motivado, disposto a participar permanente e efetivamente do dia a dia em sala de aula. Permanente no sentido de que seja desenvolvido o envolvimento contínuo do discente nas atividades propostas pelo professor ao longo da disciplina cursada, e concomitantemente, ao longo de sua vida enquanto estudante. E efetivamente no sentido de que essa participação lhe proporcione aproveitamento no conteúdo ministrado, no processo de formação do aluno.

É preciso também que se compreenda o universo da sala de aula como um ambiente de respeito. O ensino e a aprendizagem permeiam não somente as relações pedagógicas, mas, sobretudo as relações humanas que naturalmente se concretizam durante o fazer pedagógico. Para Raths et al. (1977, p. 324) “a atmosfera da sala de aula deve refletir o profundo respeito pelos indivíduos como seres humanos únicos.

O respeito mútuo entre aluno e professor estimula o processo de ensino-aprendizagem. Para estes autores, isto não simboliza que em sala de aula não se deva haver limites. Pelo contrário, é fundamental que sejam estabelecidos claramente o limite de cada um dentro deste ambiente.

3 A PRÁTICA NECESSÁRIA NA BIBLIOTECONOMIA

Embora expondo o espaço sala de aula como ambiente fundamental na relação aluno e professor, tendo como consequência a motivação, é relevante considerar que o

ambiente de ensino-aprendizagem deve ser considerado um todo, ou seja, aluno, professor, instrumentos técnicos como laboratórios, bibliotecas e uma infra-estrutura adequada a cada necessidade.

De acordo com Borges (2011), “na relação entre a infraestrutura escolar e os resultados acadêmicos dos estudantes os fatores que mais contribuem para bons desempenhos são: a presença de espaços de apoio ao ensino (bibliotecas, laboratórios de ciências e salas de computadores)”, além de outros recursos como serviços públicos básicos como eletricidade, telefonia e água potável.

Daí, estes recursos adentram por outras questões, como a gestão dos recursos que o espaço escolar permeia no processo. Administrar correta e coerentemente estes recursos contribui para que o ensino-aprendizagem tenha um bom desenvolvimento.

Para o processo de ensino-aprendizagem na área da Biblioteconomia, a necessidade de uma infra-estrutura adequada é papel preponderante na sala de aula.

A Biblioteconomia tem na organização e no tratamento da informação a base do processo técnico para a organização, transferência e recuperação da informação. Neste processo, estão envolvidos dois instrumentos fundamentais: os documentos, que formam o acervo, e o usuário, que tem a necessidade de recuperar a informação contida em determinado documento. Para tanto, a área da Biblioteconomia constitui a inter-relação de atividades que envolvem a organização e tratamento dos documentos e todo o processo que ocorre para a efetiva recuperação da informação contida nos documentos pelo usuário.

Diante do exposto, verifica-se que, para a formação de uma biblioteca, há a necessidade de estudar e desenvolver requisitos como: localização, arquitetura predial, espaço físico, mobiliário e equipamentos, acervo/documentos, sinalização, profissional qualificado, sistemas eletrônicos de gerenciamento da informação, entre outros requisitos técnicos e gerenciais.

Dentro destes requisitos, a Biblioteconomia tem na técnica do tratamento da informação uma das atividades fundamentais na sua base para a construção da eficácia no atendimento ao usuário. Este tratamento perpassa por um processo desde a aquisição do documento até a sua representação em um sistema eletrônico de informação.

As atividades de representação temática/classificação, indexação e representação descritiva/catalogação configuram-se desde os primórdios da existência de uma biblioteca como a base para recuperar a informação pelo usuário. O aprimoramento destas áreas trouxe para o desenvolvimento das atividades práticas as tabelas de classificações temáticas (CDD, CDU e outras) e códigos de catalogação (AACR2, RDA, entre outros) que ainda são instrumentos fundamentais a serem utilizados no processo de ensino-aprendizagem dos cursos de Biblioteconomia. Para tanto, é fundamental a aplicabilidade destes instrumentos na sala de aula e em laboratórios específicos para a realização das atividades, pois, além desses instrumentos, há a necessidade de espaço, mobiliário, equipamentos (computadores, softwares e sistemas eletrônicos de gerenciamento da informação) e documentos (impressos, eletrônicos e multimeios) para a sua utilização.

É fundamental entender que o processo de ensino-aprendizagem compactua com todos os componentes envolvidos como: o aluno, o professor e a infra-estrutura.

4 O CAMINHO E A ANÁLISE DA PESQUISA

A pesquisa se configura em um estudo de caso descritivo. Quanto aos fins, a pesquisa se definiu por descritiva de natureza qualitativa e quantitativa.

O universo abordado atuou com discentes do curso de graduação em Biblioteconomia da UFPB matriculados no terceiro período no semestre letivo de 2012.2, no quinto período nos semestres letivos de 2012.2 e 2013.1, e no nono período no semestre letivo de 2012.2, pois estes de acordo com a proposição do atual currículo do curso já haviam cursado pelo menos uma das disciplinas técnicas e representaram as etapas inicial, meio e final do curso, podendo assim

contribuir com propriedade para o estudo em questão. Em números absolutos, foi utilizado um universo de 125 alunos, sendo 37 alunos matriculados nas disciplinas de Representação Temática I e Descritiva I no terceiro período; 68 alunos matriculados na disciplina de Produção dos Registros do Conhecimento no quinto período (29 em 2012.2 e 39 em 2013.1); e 20 alunos matriculados na disciplina de Laboratório de Práticas Integradas IV no nono período.

Vale ressaltar com relação à escolha dos períodos que:

- *os alunos do terceiro período* por estarem numa fase inicial do curso e já terem cursado as disciplinas de Representação e Análise da Informação (1º período); Representação Descritiva da Informação I (3º período) e Representação Temática da Informação I (3º período), e por estas integrarem a área 2 do PPC - Organização e Tratamento da Informação, a qual é foco deste trabalho. Para se obter o número exato de alunos respondentes do questionário, utilizaram-se então as relações de alunos matriculados nas duas últimas disciplinas citadas, tendo em vista serem estas exatamente do terceiro período, de acordo com a grade curricular do curso;
- *os alunos do quinto período*, por estarem no meio do curso e como não há nenhuma disciplina específica da área 2, optou-se como referência do número absoluto de alunos as relações de matrículas da disciplina de Produção dos Registros do Conhecimento, pelo fato que, embora constitua a área 1 do PPP - Fundamentos Teóricos da Ciência da Informação, a mesma é uma das disciplinas do referido semestre letivo que apresenta em seu programa o cunho mais tecnicista, aproximando-se mais por sua vez do que fora proposto na pesquisa; e
- *os alunos do nono período*, por estarem cursando a disciplina Laboratório de Práticas Integradas IV, por se constituir a etapa final do curso no que se refere às disciplinas, bem como pelo

fator do ensino-aprendizagem de cunho prático que ela possui.

Como instrumento de pesquisa foi adotado o questionário, que, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 100), “é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”. O questionário possibilita abranger um número maior de respondentes, tendo em vista ter-se trabalhado com um universo de quatro turmas do referido curso, totalizando 125 alunos, onde 59 responderam o questionário, o que representa 47% do universo escolhido. Também, pelo fato de por meio deste instrumento se obter respostas precisas de acordo com as perguntas fechadas, o que, segundo Lopes (2009), possibilita maior facilidade na aplicação, análise e codificação dos dados. A coleta de dados foi complementada com perguntas abertas, possibilitando ao aluno a oportunidade de expor suas idéias e concepções acerca dos questionamentos propostos, não se limitando somente às alternativas dispostas no questionário.

O questionário de perguntas abertas e fechadas normalmente é o mais utilizado pelos pesquisadores, onde as perguntas fechadas procuram obter informações sociodemográficas e de identificação de opiniões, e as perguntas abertas são destinadas à obtenção de opiniões mais aprofundadas. (LOPES, 2009, p. 66).

As questões abertas contribuem, pois, no detalhamento das respostas, e colaboram também no reforço das respostas objetivas.

Para Richardson (1999, p. 187), “os questionários cumprem pelo menos duas funções: descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social”. Estas características contribuem para o alcance dos objetivos traçados no corpo do trabalho, com dados que corroborem na formulação de um diagnóstico da problemática em questão.

Isto posto, o questionário utilizado constou de dezenove perguntas, sendo de-

zessete fechadas, uma pergunta que dentre as alternativas, uma delas poderia ser acrescentada a opinião mais detalhada do respondente, e uma questão aberta.

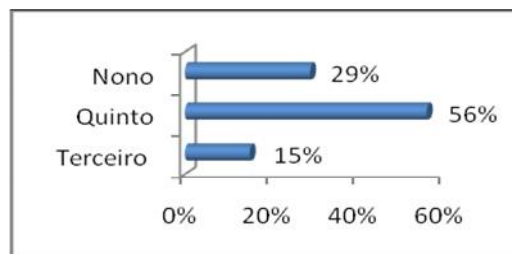
A aplicação foi feita de duas formas. Uma, por abordagem pessoal, aplicando presencialmente em sala de aula, acompanhando os respondentes que responderam o questionário no Laboratório de Inclusão Digital (LIDI), localizado na Central de Aulas (CA), onde o pesquisador esteve em contato direto com os respondentes e em alguns momentos explicando as questões inseridas no questionário. Este contato oportunizou a percepção de determinados comportamentos dos alunos frente à pesquisa, o que possibilitou uma melhor leitura dos resultados obtidos com a aplicação do questionário. Nesta ocasião, de um universo de 39 alunos matriculados na disciplina de Produção dos Registros do Conhecimento no semestre letivo de 2013.1, 20 responderam ao questionário.

A pesquisa também foi aplicada através do GoogleDocs, com envio do link de acesso por e-mail para os discentes que constituíram o universo em questão.

Dessa forma, traçamos uma análise a partir das respostas dos questionários representadas a partir dos gráficos a seguir.

O primeiro gráfico representa a quantidade dos alunos que responderam aos questionários distribuídos por semestre letivo.

Gráfico 1- Alunos entrevistados distribuídos por semestre



Fonte: dados da pesquisa (2012/2013).

Esta questão permitiu visualizar opiniões de alunos que estavam no início, meio e conclusão do curso, de acordo com a disposição das disciplinas propostas por semestre na grade curricular e no PPC/ 2007, ten-

do estes cursado as disciplinas de cunho técnico, abordadas neste trabalho.

Do total de 59 respondentes, 15% (quinze por cento) são alunos do terceiro semestre, enquanto 56% (cinquenta e seis por cento) encontram-se cursando o quinto semestre e 29% (vinte e nove por cento) são alunos do nono semestre. O número maior na representação do quinto período, conforme já mencionado, se deu pelo fato de terem respondido à pesquisa alunos do referido período em 2012.2 e 2013.1, haja vista que o número de respondentes em 2012.2 era apenas de 13 alunos, o que representa um número pequeno diante do total de alunos matriculados no quinto semestre do referido período letivo, por isso resolveu-se ampliar o número utilizando as respostas do público do semestre seguinte.

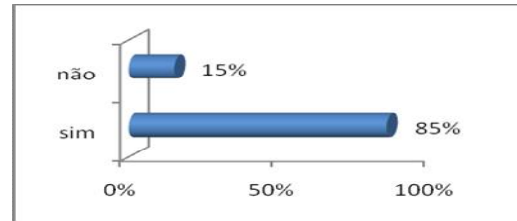
Vale salientar que esta resistência não se deu tão somente por parte da referida turma, mas também pelos alunos do terceiro período que também demonstraram relutância em contribuir com a pesquisa. Os mesmos alegaram que tal comportamento se deu pelo fato de estar no final do semestre letivo, o que não é verdade, tendo em vista que, passado o final do período, ainda foram feitas algumas chamadas via e-mail para resposta do questionário, e o retorno foi insignificante. Por isso da ampliação para os alunos do período de 2013.1.

Percebe-se, pois um desinteresse por parte do alunado em contribuir com pesquisas acadêmicas, e até mesmo a falta de compromisso, uma vez que a convocação para participação foi feita mais de uma vez.

A pergunta ainda tinha como alternativa “outros”, para aqueles alunos que se consideravam desbloqueados, mas não houve nenhuma resposta para esta alternativa. Talvez pelo fato de, mesmo que os respondentes estivessem fora da blocagem, estes se consideravam dentro dos períodos letivos propostos (terceiro, quinto ou nono período).

O segundo gráfico demonstra os alunos fora da blocagem ou fora do seu semestre letivo.

Gráfico 2- Alunos entrevistados fora da blocagem



Fonte: dados da pesquisa (2012/2013).

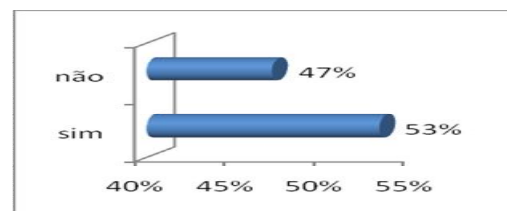
Identificou-se que 85% (oitenta e cinco por cento) do alunado está dentro da blocagem, e apenas 15% (quinze por cento) destes estão desbloqueados.

O motivo de o aluno estar fora da blocagem pode ser pessoal (trabalho, saúde etc.) ou reprovação na disciplina. Também pode estar associado à motivação tendo em vista à relevância da sequência e continuidade das disciplinas em caráter sequencial no aprendizado, sobretudo a respeito das disciplinas em questão.

A interferência nesta sequência pode torná-los de certa forma mais vulneráveis às dificuldades oriundas tanto do conteúdo em si ministrado em sala de aula quanto das demais intempéries que surgem, contribuindo para a desmotivação do alunado.

O gráfico três representa as respostas da questão onde se perguntou aos discentes se era de conhecimento deles que o curso de Biblioteconomia da UFPB possui um laboratório específico, tendo 53% (cinquenta e três por cento) respondido que sim, enquanto que 47% (quarenta e sete por cento) responderam desconhecer.

Gráfico 3 - Existência do Laboratório de Biblioteconomia



Fonte: dados da pesquisa (2012/2013).

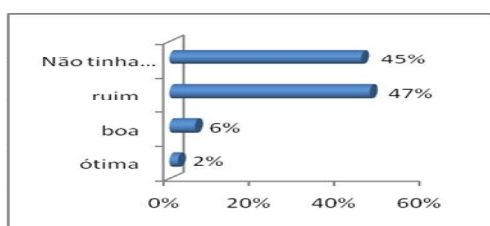
Quando o pesquisador interagiu com os discentes que responderam o questionário no LIDI, percebeu-se que alguns dos respondentes estavam identificando equivocadamente

damente o próprio LIDI como laboratório do curso de Biblioteconomia, o que não é verdade, pois este é um laboratório de tecnologia da Central de Aulas, que pode ser utilizado por qualquer aluno da universidade.

Portanto, pode-se considerar que muitos podem ter respondido equivocadamente que tem conhecimento da existência do laboratório.

O gráfico quatro apresenta dados referente à opinião dos alunos sobre o Laboratório de Biblioteconomia.

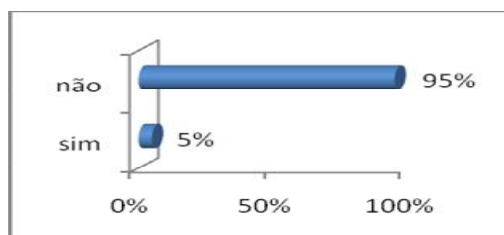
Gráfico 4 - Instalações do laboratório



Fonte: dados da pesquisa (2012/2013).

Neste aspecto, 45% (quarenta e cinco por cento) afirmaram não ter conhecimento da existência do laboratório, enquanto que 47% (quarenta e sete por cento) responderam que as condições são ruins. Já 6% (seis por cento) afirmaram que as condições do laboratório são boas e 2% (dois por cento) responderam que as condições são ótimas. Nota-se, porém, a possibilidade destes dois últimos resultados estarem pautados na hipótese dos respondentes terem considerado o LIDI enquanto laboratório do curso de Biblioteconomia, considerando também que 45% (quarenta e cinco por cento) disseram não ter conhecimento da existência do laboratório.

Gráfico 5 - Equipamentos do laboratório atende às necessidades das disciplinas do curso de Biblioteconomia



Fonte: dados da pesquisa (2012/2013).

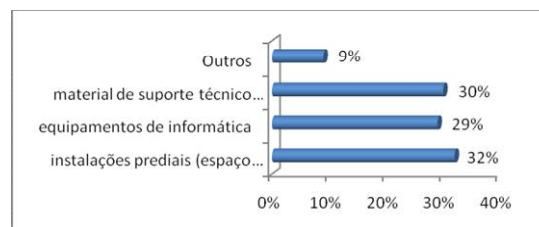
Dos respondentes, 95% (noventa e cinco por cento) disseram que as condições do laboratório não atendem à demanda das disciplinas, enquanto que 5% (cinco por cento) afirmaram que o laboratório supre às necessidades do curso.

Percebeu-se que pode ter ocorrido um equívoco ao responder esta pergunta, haja vista que na questão anterior 45% (quarenta e cinco por cento) responderam não ter conhecimento da existência do laboratório específico de Biblioteconomia, logo, se não tinham conhecimento, naturalmente não teriam respaldo suficiente para se posicionar quanto às condições do laboratório em atender às necessidades do curso.

Cumprido realçar que os alunos do curso de Biblioteconomia da UFPB não possuem esclarecimento suficiente em relação à localização do laboratório do Curso. Muitos ainda entendem que a prática laboratorial é destinada a acontecer tão somente nos espaços das bibliotecas, e não têm conhecimento de que o espaço situado ao lado da coordenação já fora no passado o laboratório efetivo do curso, onde aconteciam as aulas das disciplinas técnicas (contendo todo material de suporte como CDU, CDD, AACR2, Cutter etc).

O gráfico seis representa os dados coletados da questão em que se perguntou o que deveria ser melhorado no laboratório de Biblioteconomia.

Gráfico 6 - Melhoria do laboratório de Biblioteconomia



Fonte: dados da pesquisa (2012/2013).

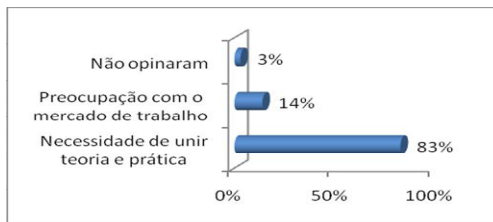
Diante do resultado, 32% (trinta e dois por cento) responderam que seria necessário melhorar as instalações prediais (espaço físico, climatização, mobiliário etc.), enquanto que 29% (vinte e nove por cento) disseram que o laboratório precisa de melhorias nos equipamentos de informática.

Enquanto que 30% (trinta por cento) afirmaram que a melhoria deveria ser aplicada ao material de suporte técnico (tabelas de CDU, CDD, Cutter, AACR2) e 9% (nove por cento) julgaram outros motivos serem necessários de melhoria.

Quando o pesquisador interagiu novamente perguntando informalmente aos alunos que responderam o questionário no LIDI quais outros itens necessitariam de melhorias, os mesmos apontaram equipamentos direcionados a restauro e conservação de acervos.

No gráfico sete, estão representadas as respostas da questão onde perguntava se estes acreditam que a Biblioteca Central, a Biblioteca Setorial do CCSA e as demais Bibliotecas Setoriais da UFPB deveriam funcionar como laboratório permanente de práticas do curso de Biblioteconomia, a exemplo do Hospital Universitário que é utilizado como ambiente de prática pelos estudantes da área de saúde da UFPB.

Gráfico 7 - Utilização da Biblioteca Central e das bibliotecas setoriais da UFPB como laboratório permanente



Fonte: dados da pesquisa (2012/2013).

Embora tenha sido uma questão aberta, percebeu-se que prevaleceram duas respostas, uma vez que foi solicitado a justificativa.

Do total, 83% (oitenta e três por cento) mostraram-se favoráveis, justificando que esta seria uma oportunidade efetiva de praticar o conteúdo visto em sala de aula. Em seguida, 14% (quatorze por cento) afirmaram que sua preocupação maior em utilizar o espaço da Biblioteca Central e demais unidades do SISTEMOTECA como laboratório permanente se dá pela necessidade de preparação do aluno para o mercado de trabalho, visto que, com esta prática laboratorial, o aluno seria capacitado, adquirindo expe-

riência real de trabalho. Apenas 3% (três por cento) não opinaram sobre a pergunta em questão.

Além destas duas respostas, destacam-se algumas observações dos entrevistados, onde relataram ser importante a utilização do espaço das bibliotecas da UFPB como elemento motivacional para permanência do aluno no curso, uma vez que a prática do exercício das atividades seria mais bem desenvolvida durante a graduação.

Alguns também alegaram que, além da disponibilidade do espaço, da qualidade dos serviços, teria a necessidade de criação de uma política de práticas laboratoriais no espaço das Bibliotecas da UFPB para o curso de Biblioteconomia, e também a criação efetiva de um laboratório que atendesse ao aprendizado da técnica biblioteconômica, ficando as bibliotecas para a prática efetiva da profissão.

Dessa forma, verifica-se que no processo de ensino-aprendizagem é fundamental a unificação da teoria e da prática, o que evidencia para a relação de integração entre aluno, professor, sala de aula e consideravelmente uma infra-estrutura com o apoio incondicional de laboratórios para aulas práticas e bibliotecas preparadas para receber os alunos do curso de Biblioteconomia como modelo de ambiente profissional, o que possibilita facilitar e dinamizar o processo de ensino-aprendizagem no curso de Biblioteconomia da UFPB.

5 CONCLUSÃO

No que concerne à estrutura do laboratório de Biblioteconomia, perceberam-se algumas questões pontuais que devem ser levadas em consideração antes de adentrar na questão da estrutura física em si. Inicialmente, pelos resultados obtidos com o questionário, existe ainda uma confusão no entendimento da existência do laboratório do curso. Ora os respondentes entendem que o laboratório funciona no LIDI, e, neste caso, subentende-se que há uma restrição por parte dos discentes que o uso da terminologia “laboratório de Biblioteconomia” limita-

se ao uso dos computadores e da informática.

Posteriormente, aqueles que têm conhecimento do espaço reservado para o laboratório específico do curso – ao lado da Coordenação de Biblioteconomia, entendem que este seja também apenas um espaço restrito à prática da informática aplicada à Biblioteconomia. Em verdade, os alunos não estavam esclarecidos que este ambiente foi criado com o objetivo também da aplicação do estudo técnico do curso, onde continha os principais instrumentos de trabalho bibliotecário, como tabelas CDD e CDU, AACR2, Cutter etc e que atualmente não está sendo utilizado para este fim.

Além do mais, o curso de Biblioteconomia vem tendo uma perda considerável nos seus instrumentos de trabalho que são as tabelas CDD e CDU e o código de catalogação AACR2, como também documentos impressos e de multimeios que possibilitem a prática de disciplinas que realizam a catalogação/representação descritiva, classificação/representação temática, análise de documentos, entre outras.

Durante a pesquisa, constatou-se que houve a aquisição de algumas tabelas, mas que ainda não se tinha notícias de quando este material seria entregue pela Biblioteca Central ao então Departamento de Biblioteconomia, atual Departamento de Ciência da Informação.

É preciso também entender que os Laboratórios de Práticas Integradas I, II, III e IV - disciplinas obrigatórias do curso – não substituem a necessidade de um espaço destinado ao aprendizado da técnica do curso, sendo estes espaços importantes de complementação do que propõe o Projeto Político Pedagógico para com as disciplinas técnicas.

Nem sempre, existem condições de se levar até a sala de aula as tabelas CDD e CDU, bem como também muitas vezes é inviável deslocar as turmas para assistirem aula de Representação Descritiva e Temática no espaço das bibliotecas, sendo assim uma necessidade real de que haja um ambiente específico e permanente para atender a esta demanda.

É preciso entender que, mesmo sendo os laboratórios de práticas um espaço destinado ao aprendizado, os alunos precisam chegar até este nível com o entendimento prévio de utilização dos instrumentos de trabalho supra, o que na maioria das vezes não acontece devido às condições de trabalho que são colocadas.

É importante ressaltar que o número excessivo de alunos por sala de aula também é um dos fatores que contribui para a falta de motivação dos alunos, tendo em vista que, como não há condições mínimas de infraestrutura, em determinadas situações torna-se inviável desenvolver as atividades, sobretudo das disciplinas técnicas, com um grande contingente de alunos. Hipoteticamente, esta necessidade poderia ser suprida com o apoio efetivo de monitores para estas disciplinas, realidade esta que não ocorre na contemporaneidade. Existindo apenas uma disciplina com monitoria, iniciada em 2011.2.

Todo este contexto relatado reflete no desinteresse e desestímulo do graduando pelo curso, após passar pelas disciplinas técnicas, haja vista a falta de infraestrutura adequada para que as aulas sejam ministradas.

Na maioria das vezes, a relação teoria e prática só consegue ser efetivada mediante o esforço do professor em articular alternativas para dar oportunidade ao aluno de praticar de alguma forma o conteúdo visto em sala de aula.

Notou-se também quão relevante é ter uma infraestrutura que atenda às demandas oriundas do processo de formação do aluno do curso de Biblioteconomia, pois isto contribui efetivamente para a sua motivação. Fatores intrínsecos, extrínsecos, condições físicas, estrutura pedagógica, bom relacionamento entre professores e alunos, dentre outros aspectos, são elementos essenciais para que o espaço acadêmico seja favorável ao bom desempenho ao longo de sua vida acadêmica.

Como proposta para realização de uma pesquisa futura, será avaliar, com base nesta pesquisa, a relação existente entre as disciplinas técnicas e os laboratórios de práticas integradas, sua complementaridade na

formação do acadêmico de Biblioteconomia da UFPB.

Ressalte-se que o intuito não foi de apontar falhas nem identificar responsáveis pelas deficiências encontradas com os resultados da pesquisa, mas possibilitar uma reflexão acerca da visão do aluno durante sua

estadia no curso, tentando compreender seu olhar e necessidades para a formação de um profissional de qualidade, que além de técnico tenha capacidade de pensar e articular com as demandas oriundas do mercado e do mundo contemporâneo.

LABORATORY IN TEACHING PRACTICE: The Student Look on the Library of Course UFPB

Abstract

Analyzes the look of the students regarding the teaching and learning of technical disciplines of the undergraduate course in Library UFPB, focusing on infrastructure for the practical activities. The research is exploratory with quantitative and qualitative approach. Students were surveyed enrolled in the third period in the semester of 2012.2, fifth period in the academic semesters of 2012.2 and 2013.1, and ninth in the semester of 2012.2, with a total population of 125 respondents. Regarding the results, the analysis identified that the students surveyed showed a lack of motivation in the face of technical disciplines and is caused mainly the lack of a specific laboratory for the course, where there should be the leaderboards (CDD, CDU), codes (AACR2) and equipped enough computers, but also printed documents (books and magazines) and special materials (multimedia) for the development of educational activities, allowing pedagogical efficiency and effectiveness in the teaching-learning process and communing theory and practice.

Keywords

Course Library-UFPB. Practice in teaching and learning. Motivation.

Artigo recebido em 01/02/2015 e aceito para publicação em 12/11/2015

REFERÊNCIAS

ALCARÁ; Adriana Rosecler; GUIMARÃES, Sueli Édi Rufini. Orientações motivacionais de alunos do curso de biblioteconomia. **Psicol. Esc. Educ.**, Campinas, v.14, n. 2, jul./dez. 2010.

BORGES, Priscilla. **Infraestrutura adequada nas escolas melhora aprendizagem.** Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/infraestrutura-adequada-nas-escolas-melhora-aprendizagem/n1597288520232.html>>. Acesso em: 12 maio 2013.

BORUCHOVITCH, E. **A motivação do aluno.** 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Metodologia do ensino superior.** São Paulo: Atlas, 1990.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de didática geral.** 5. Ed. São Paulo: Ática, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003, 214p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortês, 1994. (Coleção Magistério 2º grau. Série Formação do Professor).

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. **Instrumentos e metodologias de representação da informação.** Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&ved=0CCkQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.uel.br%2Frevistas%2Fuef%2Findex.php%2Finformacao%2Farticle%2Fdownload%2F1603%2F1358&ei=PsYoUeGjGIic9QTG64GACg&usq=AFQjCNGm52ADId6k5bdY-IQr8kLnA4KL7Q>>. Acesso em: 23 fev. 2013.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **O bibliotecário e sua auto-imagem.** São Paulo: Pioneira, 1983. 98p.

RATHSLOUIS E. et al. **Ensinar a pensar.** 2. ed. São Paulo: EPU, 1977.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSA, Maria Nilza Barbosa. **A construção do currículo no cotidiano escolar: práticas de professores e alunos no ensino de biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba**. João Pessoa, PB: UFPB, 1999. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba, 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. **Projeto Político-Pedagógico: curso de Biblioteconomia – modalidade: bacharelado**. João Pessoa: Departamento de Biblioteconomia e Documentação, 2007.